

Algumas observações preliminares sobre o desenvolvimento de epistemologias não-cartesianas em artes e humanidades

Denise Maria Barreto Coutinho
Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – UFBA / Professora-adjunta /
Pesquisadora
Doutorado em Letras (UFBA / Princeton University)
Sem bolsa
Professora do Instituto de Psicologia – UFBA

Resumo: Apresentação de aspectos preliminares da pesquisa em desenvolvimento sobre epistemologias não-cartesianas em artes e humanidades. A partir do conceito freudiano de *sobredeterminação* e da categoria filosófica aristotélica de *acidente*, busco demonstrar que ambos constituem importantes ferramentas epistemo-metodológicas para pesquisas cujos objetos demandam abordagens não-cartesianas. É discutido ainda o papel do “não” como afirmação e como alternativa possível ao termo “anti”, bastante utilizado para designar oposição ao pensamento cartesiano. Todas essas referências, extraídas do campo psicanalítico, reconduzem-nos à proposta bachelardiana de uma “psicanálise do conhecimento”.

Palavras-chave: Pesquisa acadêmica em artes. Epistemologias não-cartesianas.

O Discurso do Método, escrito por Descartes em 1635, apresenta uma espécie de guia ou manual para qualquer pessoa ascender ao conhecimento racional. A analítica cartesiana compõe-se de quatro regras: a primeira consiste em aceitar como verdadeiro somente o que se conhece de modo evidente, excluindo qualquer dúvida. A segunda: cada problema pode ser solucionado separando-o em mínimos fragmentos. A terceira: conduzir os pensamentos em ordem, começando pelos mais simples e fáceis de conhecer, a fim de ascender pouco a pouco até conhecimentos mais compostos. A quarta: fazer sempre inventários tão completos e exaustivos que se fique certo de nada ter omitido, para que qualquer outro possa repetir o processo de produção do conhecimento.

As implicações epistemológicas do cartesianismo são bastante conhecidas: objetividade; neutralidade; causalidade linear; simplicidade; disciplinaridade.

O projeto de organizar a prática da ciência de modo natural, impessoal, objetivo, simples, resultou na crença de que o objeto a ser investigado é independente a ponto de tornar-se manipulável. E isso pode ser feito de modo neutro, por sujeitos desinteressados e inspirados na busca do conhecimento verdadeiro pela suposta neutralidade axiológica da ciência.

A causalidade é outra implicação epistemológica do cartesianismo. O princípio causal nas regras do método encontra-se na valorização da evidência. Descartes não trabalha diretamente com o conceito de experimento, mas sua epistemologia implica o valor superior da evidência experimental em relação a outras formas de conhecimento. A

evidência cartesiana é resultado de minuciosa e metódica purificação dos sentidos, enganosos, e constitui o modo de ver (*videre*) a verdade. O cogito cartesiano inaugura uma cisão do sujeito humano: *eu* penso separado do *eu* que existe, sendo que pensar é condição para existir humanamente.

Freud inicia sua pesquisa sobre o psiquismo humano no contexto do cartesianismo. Entretanto, o neurocientista acolhe a literatura e o teatro como referências na construção do novo campo. Dialoga com Sófocles, Goethe, Shakespeare, Hoffmann, Ibsen, Zweig, Rilke, Thomas Mann, Balzac, Jansen, Dostoiévski, Milton, Flaubert, Schiller, Cervantes, Mark Twain, Anatole France, Heine, Hesse, Romain Rolland, Schnitzler, Thackeray (ASSOUN, 1996). Em sua obra, encontramos termos como romance, teatro, palco, cenário, cena. Desde esse período, também, a categoria *acidente* já aparece. Ele afirma que a fantasia, cuja origem é “acidental” (FREUD apud MASSON, 1986, p. 240), tem relação direta com a verdade do sujeito. As fantasias são, segundo Freud, “ficções protetoras”.

O cogito “Penso, logo existo”, súpula do idealismo cartesiano, pode ser traduzido, a partir de Freud, por: sujeito da enunciação (penso) produz sujeito do enunciado (existo). Há, nessa leitura, um *eu* derivado do pensamento, dividido pelo ato de pensar. A determinação de pensar num sujeito implica produção objetual, *eu* sou aquele que pensa, mas secundário e determinado pelo pensar. De que natureza seria esse pensar? Freud, marcado por tal formulação radicalmente cartesiana, leva o cogito ao pé da letra, respondendo que o pensar está em outro lugar: é um ato inconsciente. Retira o foco da consciência, produzindo uma ruptura que, de resto, estava instalada no âmago do próprio sistema de pensamento cartesiano.

Freud não atribui à consciência nenhuma função central ou essencialista; pelo contrário, trata-se de estado transitório, instância de qualidade – portanto fluida, maleável – que pode, inclusive, “faltar em absoluto” (FREUD, 1923/1973, p. 2701). A dualidade cartesiana mente-corpo ou a tentativa de encontrar um lugar preciso no cérebro não o seduzem.

Em 1910, Freud escreve um ensaio sobre Leonardo da Vinci, instigado a desfazer o mito que faz do homem-gênio “um expoente da raça humana”. O que se extrai da análise biográfica de Leonardo é que um gênio está sujeito aos mesmos *acidentes* que regem a vida dos mais comuns dos mortais. As vicissitudes (contingências) da vida infantil de Leonardo são relacionadas por Freud com o destino (pulsional) daquele sujeito: “Considerar que o acaso é indigno de decidir nosso destino, não é senão recair na concepção piedosa do universo” (ibid., p. 1619).

Por recusar uma explicação teológica, Freud trabalha com modalidades lógicas como parâmetros da determinação humana. A contingência parece se impor sobre a

necessidade no mundo humano. Sabemos que Freud era leitor atento de Aristóteles. Numa carta a Fliess, de 25 de julho de 1894, ele faz referência à obra de Aristóteles: “ainda não estou de modo algum em condições de fazer propostas e vou aceitando todos os *accidentia* à medida que surgem. Passei muito tempo sem *ens*¹” (FREUD apud MASSON, 1986, p. 88.).

Breuer menciona a sobredeterminação como sendo um conceito criado por Freud em 1893, nos *Estudos sobre a histeria*, referindo-se à série articulada de causas desencadeantes para os sintomas das neuroses e aplicando-o às diversas formações do inconsciente. “O caráter principal da etiologia das neuroses é a sobredeterminação de sua gênese; ou seja, para dar nascimento a uma dessas afecções é necessário que vários fatores concorram” (FREUD, 1973 [1893/5]), p. 142).

Em 1898, no texto “O mecanismo psíquico do esquecimento”, Freud afirma: “A experiência ensinou-me a insistir em que todo produto psíquico é sobredeterminado”. E quais seriam os produtos psíquicos aos quais Freud faz alusão? Sonhos, atos falhos, chistes, obras de arte, o brincar infantil, tudo aquilo que a ciência da época desprezava por ser insólito, estranho, não servir para nada, é destacado por Freud como eventos secundários, contingentes, mas que, segundo ele, têm a maior importância.

O inconsciente não é lugar (portanto, não há subconsciente, como quer ainda hoje uma literatura psicanalítica norte-americana); não é misterioso nem profundo (mas sem qualidades); trata-se de um sistema psíquico virtual; desconhece a contradição, é atemporal, sem sentido, a não ser por acréscimo; não linear → em rede; não cronológico → lógico; não histórico → ficcional. O inconsciente pode ser entendido a partir de alguns critérios: verdades parciais, contingentes, plásticas, virtuais, dinâmicas, prontas para novos rearranjos. Nesse sistema, o presente constitui o passado e o futuro é retroativo.

Ao explicar o processo de deslocamento nos sonhos, Freud desestabiliza ideias consagradas de centro e importância. Não há como dizer também que se trata de um sistema de pensamento monista (pois não se reduz a um princípio, causa, direção), nem dualista (não há, de modo geral, duas substâncias opostas e irreduzíveis), tampouco pluralista (WINOGRAD, 2004). Se à psicanálise cabe o rótulo, discutível, de ciência, seria a partir de uma outra concepção de ciência: ciência da contingência, do singular (RORTY, 2007), que acolhe o acontecimento, do qual somente se podem extrair consequências, sem previsão.

Lacan (2003) retoma o conceito de sobredeterminação: “Que o substrato biológico do sujeito esteja implicado na análise até o fundo não resulta, em absoluto, que a

¹ *Ens* [ser] e *accidentia* [acidente] são termos de Aristóteles.

causalidade que ela descobre seja redutível ao biológico. O que é indicado pela idéia, primordial em Freud, de sobredeterminação, nunca elucidada até hoje” (p. 174).

Propomos, então, a categoria aristotélica da contingência e o conceito freudiano de sobredeterminação, como eixos de novas modalidades do pensamento complexo, juntamente com o princípio do terceiro incluído, que sustenta a possibilidade de contradição entre termos, sem que o sujeito da proposição caia sob a égide da loucura.

O título deste texto remete a um termo de Gaston Bachelard em *O novo espírito científico* (2000), cujo sexto capítulo se chama “A epistemologia não-cartesiana”. A proposta desemboca na “contribuição para uma psicanálise do conhecimento” (BACHELARD, 1996). A reflexão de Bachelard supera o princípio cartesiano de que a Razão seria a essência do Real. Tomando como base a geometria não-euclidiana e a mecânica não-newtoniana, Bachelard apresenta uma *Filosofia do não* (2009).

Consideremos o “não” na expressão “epistemologias não-cartesianas”. Para Freud, o “não”, primeiro símbolo lógico, constitui-se como positividade, na medida em que um sujeito se constrói, separando-se progressivamente, sem jamais separar-se, do outro, ao afirmar-se através da negação. Proposição de caráter eminentemente lógico, engendra uma posição complexa (não-trivial). Duas posições aparentemente contraditórias: Freud dirá que o sistema inconsciente desconhece o símbolo “não” e, ao mesmo tempo, o *eu* reconhece o inconsciente afirmando o “não”.

Garcia-Roza (2004) aponta que o conceito hegeliano de *Aufhebung*, retomado em Freud, é um vocábulo de difícil tradução, pois “a palavra alemã combina, numa unidade, significados opostos” (2004, p. 280): “algo é suprimido, abolido, superado, mas ao mesmo tempo mantido enquanto suprimido, abolido, superado”. Desse modo, vemos que o “não” nada tem a ver com o negativismo. Portanto, os termos “não” e “anti” não são sinônimos. Uma abordagem “não-cartesiana é, portanto, distinta de uma postura anti-cartesiana que exclui o sistema cartesiano, substituindo-a por uma representação oposta. Por sua vez, o “não-cartesiano” suspende e conserva os princípios cartesianos, num movimento paradoxal e complexo.

É possível produzir conhecimento sistematizado, com clareza metodológica e rigor, sem reduzir a complexidade do objeto às restrições da epistemologia cartesiana que descreve o mundo humano sob a égide da lógica dualista. Entretanto, pensamos também que não é possível descartá-la e o que fazemos é conservá-la em suspensão, na tensão, que se estabelece a cada investigação, entre os hábitos que solicitam certeza, verdade e o encontro, sempre faltoso e contraditório, com o campo da experiência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOUN, Paul-Laurent. *Littérature et psychanalyse*. Paris: Ellipses, 1996.

BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BACHELARD, Gaston. *O novo espírito científico*. Trad. Juvenal Hahne Júnior. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

BACHELARD, Gaston. *A filosofia do não: filosofia do novo espírito científico*. Trad. Joaquim José Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença, 2009.

DESCARTES, René. *Discurso do método*. Trad. Jacó Guinsburg e Bento Prado Jr. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/14893702/Descartes-Discurso-do-Metodo-trad-Jaco-Guinsburg-e-Bento-Prado-Jr-com-notas-de-Gerard-Lebrun-publicacao-autorizada-pelos-detentores-dos-direitos>>. Acesso em: 11 nov. 2009.

FREUD, Sigmund. El mecanismo psíquico de los fenómenos histéricos (comunicación preliminar). Estudios sobre la histeria. In: _____. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Trad. Luis Lopez-Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva. (Tomo I), 1973 [1893-5].

FREUD, Sigmund. El mecanismo psíquico del olvido. *Op. cit.* (Tomo I), 1973 [1898].

FREUD, Sigmund. La interpretación de los sueños. *Op. cit.* (Tomo I), 1973 [1900].

FREUD, Sigmund. El 'yo' y el 'ello'. *Op. cit.* (Tomo III), 1973 [1923].

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia freudiana: artigos de metapsicologia 3*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

MASSON, Jeffrey Moussaieff (Ed.). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess: 1887-1904*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

RORTY, Richard. *Contingência, ironia e solidariedade*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins, 2007.

WINOGRAD, Monah. *Freud é monista, dualista ou pluralista?* *Ágora* [online]. Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, 2004.